

ENTREVISTA

CULTURA, MULTILETRAMENTO E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Entrevista com o Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima (UFBA)
Entrevista concedida a Jamile de Oliveira Silva e Edilsa Mota
(Pós-Crítica)



Luciano Rodrigues Lima (foto) possui Licenciatura em Letras Língua Estrangeira Inglês pela Universidade Federal da Bahia (1977), mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1991) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2001). Atualmente é professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (aposentado) e professor Associado IV da Universidade

Federal da Bahia, também aposentado. Além disso, atua como Docente Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tem atuação interdisciplinar na área de Letras, com ênfase em teorias de linguagens, Literaturas de Língua Inglesa e Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Estrangeiras, com produção científica relevante nos seguintes temas: hipertexto literário, estudos sobre Canudos, poesia negra, escrita feminina, linguística aplicada ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, teoria e crítica literárias. É autor do site Literatura, Crítica, Teorias, contendo artigos sobre linguística e literatura, continuamente online desde 2005, atualmente em reformulação. (www.docentes.uneb.br/lucianolima/). É autor dos seguintes livros: O sujeito estético: um percurso na ficção de Judith Grossmann. Salvador: Quarteto, 2003; Clarice Lispector Comparada: narrativas de conscientização em Clarice Lispector, Susan Glaspell, Virginia Woolf, Katherine Mansfield e A.S. Byatt. Salvador: EDUFBA, 2008; Uma história crítica da língua inglesa. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016; A Critical History of the English Language. USA: Amazon Books, 2019; Clarice Lispector: perguntas para o novo milênio. USA: Amazon Books, 2019.

Com base nos letramentos autônomos e ideológicos, o que você pode dizer sobre esses dois vieses?

Penso que todo processo de letramento contém elementos ideológicos, em maior ou menor grau. O processo de letramento em si, a relação professor-aprendiz, a relação deste com a metodologia e os materiais didáticos e tecnologias utilizadas é sempre um processo político, pois envolve poder e empoderamento.

Quanto à questão dos (multi)letramentos autônomos é muito presente a questão político-ideológica pois se trata de um letramento crítico, em que o aprendiz é capaz de opinar e

decidir sobre seu próprio letramento. Para Allan Luke e Peter Freebody, o letramento crítico pressupõe um grau de rebelião em relação ao código linguístico aprendido.

Enquanto professor universitário, você acredita que a universidade prepara o discente para o letramento autônomo?

Na maioria das vezes, não. Ensina-se conteúdos e não visão crítica e autônoma em relação aos temas. Na maioria das áreas do conhecimento e componentes curriculares das universidades brasileiras o conhecimento é fechado, isto é, apresentado com uma visão única e uma verdade definitiva. Não se estimula o debate, a crítica, a discordância. Muitos professores temem a autonomia do aluno como uma forma de perda do controle da sua credibilidade como professor, ou dos conteúdos que ele ensina.

Você concorda que o sujeito pode ter visibilidade a partir do letramento na vida profissional, social e cultural?

Sim, a vida profissional e social promove um permanente processo de novos letramentos. Atualmente, temos que passar por um novo processo de letramento digital, estético, cultural, para podermos ler o mundo, numa perspectiva freireana.

Em se tratando da internet, enquanto um veículo de comunicação, e que compõe uma rede mundial de sites, atuando como mecanismos de buscas através de palavras-chave, frases e expressões, contribuindo, de certo modo, também para pesquisas científicas. Qual sua opinião sobre tais mecanismos?

A internet, como mecanismo de acesso ao conhecimento é algo magnífico. Promove a democratização do acesso ao conhecimento e descentra os tradicionais produtores de saberes, permitindo que a periferia também fale.

O professor universitário está imbricado nos processos e movimentos sociais, históricos, políticos e educacionais que

circundam a sociedade. O que podes dizer a respeito do docente pesquisador e como essa prática corrobora para a formação de si e de outros docentes?

O professor universitário, na atualidade, tem grande responsabilidade social, pois deve ser um pesquisador e o veiculador de conhecimentos novos e úteis para a sua comunidade.

A palavra CULTURA, no pós-modernismo, ganha conotações diferentes comparada à sua ideia original, dentro das concepções de ordem e desordem nos contextos sociais. Como você considera a CULTURA hoje pensando nas nuances em pauta no cotidiano?

Fredric Jameson, em *Postmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism* afirma que, na contemporaneidade, todos temos que passar por um processo de aprendizagem (de alfabetização mesmo) a fim de sermos capazes de compreender (e ler) os signos culturais da era pós-moderna, a qual é menos elitista, mais inclusiva dos saberes populares.

De que maneira a ESCOLA deve conscientizar os estudantes sobre a importância de frequentá-la e qual é o reflexo desta Instituição para a formação discente enquanto sujeito social?

Penso que a escola encontra-se em uma crise de finalidade em toda parte. Transmitir conhecimentos não é mais a função da escola, pois este se encontra disponível na internet. À escola compete integrar os alunos em uma era em que é fundamental a inclusão social e a ética da diferença.

O Senhor vê algum impacto na mudança dos critérios da BNCC para a formação de futuros professores e especialmente, dos discentes? Justifique.

Não conheço bem a Base Nacional Comum Curricular, mas pelo que sei ela privilegia as habilidades e competências.

Nas áreas técnicas isto pode ser bom, mas em áreas em que o pensamento livre e crítico é mais importante isto pode ser um retrocesso.

Tratando-se da diversidade linguística, como podemos visualizar o ensino de língua inglesa nas escolas públicas brasileiras pensando em um contexto de turmas e necessidades diversas em pleno século XXI?

Considero o ensino de línguas estrangeiras no ensino público nacional como algo muito sério. É preciso definir políticas e investimentos para se promover um ensino de línguas de melhor qualidade. Só então se poderá avaliar o nível de aprendizado e os enormes benefícios que uma língua estrangeira pode trazer a um jovem aprendiz.